

A cidade na Literatura

Alexandre Veloso de Abreu*

Nesta edição da revista **Scripta** propõe-se uma reflexão sobre a utilização da cidade como estratégia narrativa, entendendo-a como o espaço em que o fato e a imaginação se fundem, em que a unicidade e o fragmentário coexistem, aceitando e contemplando as diferenças.

Por meio dessa reflexão pretende-se realizar um aprofundamento nas análises de utopias e distopias, maneiras de entender como os discursos contemporâneos caracterizam e entendem a cidade levando em conta a sua polifonia, a mescla de estilos, suas significações e ressignificações, na tentativa de decifrar a pólis situada no limite entre a realidade e a ficção.

Quando uma cidade é representada em exercícios ficcionais, ela se torna um espaço indissociável ao referente espacial, mas ao mesmo tempo age como um elemento único de percepção da realidade. A urbe é dos domos, mas não é vista inteira. A cidade, então, é um espelhamento de referente espacial, não agindo como seu esgotamento e, sim, como uma possível reflexão. Cada cidade refletida na literatura pretende-se como uma versão de verdade. Trata-se da cidade como espaço referente e subjetivo. A cidade em suas diversas proporções não fere a percepção da realidade que cada um tem. Ela permite possibilidades. A cidade é o espaço, o *locus* de percepção das coisas. Mesmo sendo calcada e ambientada, muitas vezes, em um referente específico, é, primordialmente, dimensionada por suas impressões e o seu estado fenomenal. Dimensiona-se nas infinitas percepções de tempo. Cada ser é uma cidade. No mundo do possível todo ente é imaginável e na urbe ele se torna audível. A cidade pode participar como espaço psicológico, pode envolver tudo, assim a urbe passa a participar do referente.

A concepção da cidade também se refere ao estabelecimento social e físico. O social diz respeito ao comportamento dentro do espaço. O físico é a referência palpável das construções que a compõem, mas que assumem formas diversas de percepção. Pode-se abordar a concepção de cidade enquanto estrutura social envolvendo as hierarquias e divisões de classe e, certamente, por outras dimensões antropológicas. Aborda-se a arquitetura como manifestação de ocupação do espaço, explorando, assim, a sua constituição empírica, sempre lembrando, no entanto, que se trata da representação de um imaginário. A cidade não esgota esse imaginário. São variantes do espaço, milhares de mitos seculares. Foge-se do plano empírico para se entender a urbe como um complexo emaranhado de entendimentos.

O geógrafo canadense Edward Relph focaliza seus estudos na percepção espacial e considera o espaço e o lugar como estruturados dialeticamente na experiência ambiental humana. A compreensão do espaço está relacionada aos lugares onde o ser humano habita e acaba ganhando significado a partir de seu contexto espacial, portanto, a natureza do lugar e seu significado estão diretamente relacionados à dimensão da vida e da experiência humanas.

Relph começa seu aclamado **Place e Placelessness** elaborando sobre o espaço e sua relação com o lugar. O espaço é muito mais do que um simples recipiente que encapsula lugares ou um mero plano isométrico que organiza construções. Em vez disso, o espaço só pode ser realmente percebido se estiver relacionado a um entendimento de lugar mais baseado na experiência. (cf. SEAMON, 2008). O espaço deve ser explorado em termos de como as pessoas o experimentam também, só então isso realmente significará algo.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professor no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

Não se pensa a cidade sem imagens. Infere-se que não há um espaço sem imagens. Percebe-se, no entanto, que a cidade é mental, por isso não afastada do fenômeno do referente. Tudo se representa. Significação. Capturam-se espíritos em imagens e amplamente recebem diversos entendimentos. Não há cidade que não participe, assim, da referência. Por mais fantasiosa que seja, a cidade dimensiona-se em uma ideia empírica. A cidade frustra-se, como o todo, por não se igualar à ideia. A cidade real é mera idealização, como o próprio *logos*, representando uma ideia de que não dá conta. A ideia de cidade é criada domo por domo. Passa a ter um valor referente tão significativo quanto a cidade de argamassa, vigas e concreto. O referente espacial procura se perceber não como um movimento, mas como uma projeção. Essa é a proximidade com a cidade com quem a habita.

Volta-se para as questões do imaginário, muito vívido como fenômeno e evoluído no referente. A cidade, também, revela-se com uma impressão do imaginário de quem a percebe. Na verdade, o imaginário oscila entre o dito e o não dito, o imaginário e o empírico, ato que o consagra como um fenômeno referente, pois o imaginário circula em toda urbe. Cada domo trata de inserir o seu imaginário. A cidade retém esse imaginário em suas descrições e realizações. Difícil fugir do contraponto de que o imaginário pode ser abordado de maneiras distintas, pois o referente visto é abordado de maneira plurifacetada. Logo, o imaginário tem caráter de idealização mesmo transitando em planos intra e extra espaciais. Isso não anula sua maneira transitória e inquieta. A cidade aceita uma reflexão referente apesar de ser percebida em uma instância multidualógica.

Nora Plesske em **The Intelligible Metropolis: Urban Mentality in Contemporary London Novels** retoma Sharp e Wallock para nos lembrar de que qualquer palavra que usamos forma a cidade, os tipos de metáforas que nós usamos influem no tipo de cidade que vemos. A cidade como um palimpsesto é recorrente metáfora do contemporâneo e sua presença linguística estabilizante é de extrema complexidade na metrópole da literatura hodierna. Plesske se refere a Londres especificamente, mas percebemos que a metáfora e o palimpsesto espelham a estrutura urbana em camadas, um revestimento de arquitetura, vida, ideias, imagens e sentimentos. Para Plesske o palimpsesto é a metáfora perfeita da noção contemporânea da polis *E Pluribus Unum*. A cidade de muitos, a cidade de um, a cidade de todos.

A meta referência também se manifesta. A cidade fala da cidade. *Polis* sobre *polis*. Um abismo dentro do outro. Um tempo dentro do outro. Um espaço dentro do outro. Naturalmente a cidade fala de si quando se entende como espaço. Concebe o próprio entendimento que se reinventa sempre, pois é vista de diversos modos.

A cidade pode ser vista como um fenômeno cosmogônico, evidenciando ainda mais a sua porção transitória. A impressão pode muito bem ser calcada em cosmogonia, ou seja, em cima de considerações míticas, de gênese, origem, explicando, assim, a intensa relação da cidade com os incontáveis imaginários que a cercam, inserida concomitantemente com o ato de contar, pois o ato de descrição, o mitológico — *Mýthos*, *logos*, não pode ser separado do relato, o espaço é formado pelo *logos*. A origem da cidade é a do espaço contado, do imaginário. Uma impressão e expressão cosmogônica.

Essa discussão complexa e muito presente nos estudos literários está aqui apresentada por quinze estudos de pesquisadores de diferentes instituições, que abordam obras de diferentes literaturas.

Vera Lopes da Silva reflete, em o **Divórcio**, de Ricardo Lísias revela o protagonista esfolado e correndo a São Silvestre. Nesse espaço, nesse tempo (a São Paulo de um ano que finda), temos a errância do ser na pólis e o sofisticado exercício metaliterário da narrativa densa de Lísias,

Nêmia Ribeiro Alves Lopes e Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida mostram a representação da cidade-personagem, da paisagem e da metáfora do labirinto no romance **Atire em Sofia**, de Sônia Coutinho, como elemento de ruptura com o padrão tradicional de representação do urbano e como caracterização da mulher em relação ao espaço em que está inserida.

O romance **O trovador** (2014), de Rodrigo Garcia Lopes trata da colonização do Paraná tendo como cenário principal a cidade de Londrina. Marilu Martens Oliveira vê a construção utópica da cidade, a cidade que se projeta, verificando a hibridez da narrativa em análise.

A cidade do Rio de Janeiro, de Machado de Assis, e sua teatralidade na constituição do espaço é retratada por Claudia Barbieri Masseran. Ela se vale de três contos “A cartomante”, “O diplomático” e “Mariana” para salientar a estratégia cênica do espaço machadiano.

Valéria Rosito Ferreira é outra que retrata o Rio de Janeiro. Em seus estudos, a comentarista elege a poética de Rogério Batalha como uma voz renovadora na cena carioca de passagem de milênio. A autora põe em destaque obras como **Melaço** (2002) e **Cidade Fundida** (2012), nas quais o poeta transfigura a sensibilidade à violência urbana e aos imensos contrastes que oprimem a cidade do Rio de Janeiro.

Cristiane de Mesquita Alves e José Guilherme de Oliveira Castro analisam a manifestação subjetivada e alegórica da cidade de Manaus pelos olhos do protagonista Nael de **Dois Irmãos** (2000), de Milton Hatoum. Nael é um *flâneur* que perambula por Manaus para compreender como se processa a formação da melancolia, a melancolia do ser.

Natalia Borges Polesso desenvolve um pensamento-paisagem (cf. COLLOT, 2011) para perceber Porto Alegre como espaço em doze obras de escritores gaúchos contemporâneos. A paisagem se resalta como um conjunto de referencialidade para sua construção.

São Luís do Maranhão é apresentada por Ernane de Jesus Pacheco Araújo e Silvana Maria Pantoja dos Santos por meio do estudo do espaço na obra **Os canhões do silêncio** (2002), de José Chagas. Nele, o mirante se configura como lugar do dizer poético, fusão de espaço e tempo diluídos na subjetividade da voz poética.

Das cidades brasileiras, dirigimo-nos aos países africanos, no caso Angola e Moçambique. Ludmila Guimarães Maia apresenta a nação reimaginada em **Janela de Sônia** de Manuel Rui. Destaca que Luanda representa a autonomia conquistada pelos revolucionários e o modelo de ordem e prosperidade em meio ao caos desvelando uma metonímia da reconstrução do país e uma metáfora da capital de Angola. Moçambique aparece nos estudos de Luciana Brandão Leal. A articulista nos mostra a importância da poética da insularidade no espaço matriarcal de Moçambique e nos lembra que o espaço das ilhas possibilita o encontro de diversos povos, culturas e influências múltiplas, construindo um espaço de trânsitos de pessoas e de suas ideologias.

Ao Voltarmos para a América, Rafael Fontes Gaspar aborda o conto “Uma arte de fazer ruínas” de Antonio José Ponte. As descrições literárias contribuem como forma de observar o processo de destruição de antigas construções, são modos de compreender a relação da experiência do sujeito na cidade, refletindo sobre a destruição da memória de construções abandonadas, como as ruínas habitadas em Havana.

Wellington Amâncio Da Silva mostra o teor documental, artístico e literário do livro **Hotel Siesta**, de Feliciano de Mira, escritor português. Atenta para a cronologia e espacialidade inusitadas da obra, que contém narrativas com excursões oníricas, poéticas, imagéticas, mnemônicas e pictóricas, diante da presença das cidades.

Fabiano Dalla Bona nos mostra as impressões da escritora e jornalista Matilde Serao no romance **La conquista di Roma (A conquista de Roma)** publicado em 1885. O deambular do protagonista observa o processo de modernização da cidade que, em favor de uma equiparação às demais capitais europeias da época, sacrificava seu passado histórico e artístico para se adaptar às exigências de seu novo status de capital da Itália.

Deslocamo-nos para São Petersburgo para acompanhar a análise de Heloísa Alves Braga de **Crime e Castigo**. Ela esclarece que o vagar de Raskólnikov pelas ruas evidencia tanto o dilema do protagonista quanto a diversidade de pessoas que caminham pela cidade, unido os aspectos factuais e ficcionais.

“Unnatural London: the metaphor and the marvelous in China Mieville’s *Perdido Street Station*” explora elementos alegóricos e não naturais no aclamado romance **New weird**, começando com um paralelo entre a cidade fictícia New Crobuzon e Londres. A literatura de fantasia examina a natureza humana por meio do mito e do arquétipo e a ficção científica explora os mesmos aspectos, embora enfatizando as possibilidades tecnológicas. O horror explora a natureza humana mergulhando em nossos medos mais profundos. Encontramos os três elementos profusamente na narrativa, em um denso exercício ficcional.

Feitas as abordagens sobre as cidades nas literaturas, passamos à entrevista realizada por Otávio Augusto de Oliveira Moraes com a poeta Júlia de Carvalho Hansen, explorando um exercício poético pungente dentro dos espaços da contemporaneidade.

Espera-se que este encontro com as literaturas brasileira, angolana, moçambicana, portuguesa, italiana, russa e inglesa e com as cidades por elas representadas (São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Porto Alegre, Londrina, São Luís, Roma, Londres) contribua para as pesquisas relacionadas aos aspectos analíticos que reunimos neste dossiê.

Referências

PLESSKE, Nora. **The Intelligible Metropolis: Urban Mentality in Contemporary London Novels**. Bielefeld: [Transcript] Lettre, 2014

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. Chicago: Pion Ltda, 1976

SEAMON, David. A Singular Impact: Edward Relph’s Place and Placelessness. **Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter**, vol. 7, 1996.